

50 economistas apostam no futuro de Portugal

Dizem que **o país vai ficar pior depois do ajustamento**. E debatem as alternativas a 30/9 na Gulbenkian

É uma visão completamente alternativa aos que defendem que Portugal só sairá da situação em que se encontra se cumprir ao milímetro o memorando de entendimento (MoU) que o país assinou com a *troika* UE/BCE/FMI. Pelo contrário, os subscritores do manifesto "Economia com futuro: um compromisso e um apelo" não só consideram que o novo programa de austeridade é "orientado para a salvaguarda dos interesses do sector financeiro à custa dos rendimentos salariais e da prestação de serviços públicos de acesso universal", como se traduzirá, "a exemplo do que está a acontecer na Grécia e na Irlanda, em aumento do desemprego e da pobreza e em agravamento das desigualdades sociais e territoriais". Daí que a previsão que fazem sobre os resultados das medidas de austeridade contempladas no MoU sejam muito dife-

rentes daquelas que têm dominado o discurso público: "Originando mais recessão e não o crescimento que promete, poderá falhar na necessária consolidação orçamental e não reduzirá a dívida nem o fardo dos seus juros". Ou seja, "Portugal sairá do novo programa mais debilitado e em piores condições para fazer face aos problemas colocados pelo aumento da dívida".

Os subscritores deste documento reconhecem que "não há lugar para uma conciliação entre medidas de austeridade violentas (exclusivamente orientadas para a consolidação orçamental e a redução da dívida ex-

"O programa de austeridade traduzir-se-á em aumento do desemprego e da pobreza"



João Ferreira do Amaral, José Castro Caldas, José Reis e Manuel Brandão Alves: há alternativas aos atuais caminhos da economia

terna no imediato) e crescimento capaz de equilibrar o orçamento e reduzir a dívida a prazo". E admitem que as soluções possíveis ao nível da União Europeia (eurobonds, intervenção do BCE no mercado primário da dívida) não dispõem de condições políticas para as fazer vingar.

Mais: "as reformas anunciadas ao nível da União Europeia apontam no sentido da consolidação da ortodoxia monetária e orçamental, da subordinação dos Estados aos mercados financeiros, da insensibilidade às assimetrias sociais e territoriais no interior do espaço europeu e do aprofundamento do défice democrático da União".

Por isso, interrogam-se sobre se será preferível uma reestruturação da dívida agora ou quando ela se tornar inevitável no futuro devido a uma recessão profunda e prolongada; sobre os custos e benefícios de tal deci-

são; e sobre como deve ser concebida e negociada.

Interrogam-se ainda se Portugal, mesmo que os problemas do défice e da dívida se resolvessem, pode continuar a viver com uma moeda que é "demasiado forte" para uma economia como a nossa e que é uma das causas do défice externo que Portugal viu crescer na década do euro. E deixam a pergunta: "Que espaço existe para Portugal na zona euro tal como ela existe? O que seria uma eurozona com lugar para Portugal e outras economias periféricas? O que fazer se não for possível reformá-la?"

É para debater estas e outras questões, como os disfuncionamentos estruturais do atual modelo de desenvolvimento global e os dilemas a ele associados, que os subscritores do documento tomaram a iniciativa de promover a conferência "Economia

portuguesa: uma economia com futuro", que se realizará a 30 de setembro de 2011 na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Os temas em debate serão "Economia para quê e para quem", cuja oradora é Elena Lasida, da Universidade Católica de Paris; "Portugal no Mundo", onde intervirão João Gomes Cravinho, Francisco Seixas da Costa e Luís Portela; "Portugal na Europa", cujos oradores serão João Ferreira do Amaral, João Rodrigues e Ulisses Garrido; e finalmente "Portugal por dentro", onde os oradores serão Manuela Silva, António Figueiredo e João Wengorovius.

O euro "é uma moeda demasiado forte para a economia portuguesa e uma das causas do nosso défice externo"

Entre os subscritores da iniciativa encontram-se nomes como Adelino Torres, António Romão, António Simões Lopes, Clara Murteira, João Ferreira do Amaral, Jorge Bateira, Jorge Vala, José António Cadima Ribeiro, José Manuel Rolo, José Reis, Júlio Mota, Manuel Brandão Alves, Margarida Chagas Lopes, Rogério Roque Amaro e Vítor Neves, numa lista contemplando mais de 50 personalidades ligadas a diversas instituições universitárias (ISEG, Universidade Católica Porto, Universidade do Algarve, Universidade da Beira Interior, Faculdade de Economia do Porto, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Universidade de Évora).

NICOLAU SANTOS
nsantos@expresso.impresa.pt